

A HISTÓRIA — DA — BÍBLIA

Hendrik Willem Van Loon



A HISTÓRIA — DA — BÍBLIA

Hendrik Willem Van Loon



 SAGA
EGMONT

Hendrik Willem Van Loon

A história da Bíblia

Tradução de
Monteiro Lobato

SAGA Egmont

A história da Bíblia

Translated by Monteiro Lobato

Original title: *The story of the bible*

Original language: English

Os personagens e a linguagem usados nesta obra não refletem a opinião da editora. A obra é publicada enquanto documento histórico que descreve as percepções humanas vigentes no momento de sua escrita.

Cover image: Shutterstock

Copyright © 1923, 2022 SAGA Egmont

All rights reserved

ISBN: 9788726873283

1st ebook edition

Format: EPUB 3.0

No part of this publication may be reproduced, stored in a retrieval system, or transmitted, in any form or by any means without the prior written permission of the publisher, nor, be otherwise circulated in any form of binding or cover other than in which it is published and without a similar condition being imposed on the subsequent purchaser.

This work is republished as a historical document. It contains contemporary use of language.

www.sagaegmont.com

Saga is a subsidiary of Egmont. Egmont is Denmark's largest media company and fully owned by the Egmont Foundation, which donates almost 13,4 million euros annually to children in difficult circumstances.

Para George Lincoln Burr

Prefácio

Esta é a história da Bíblia. Escrevi-a por achar que vocês gostariam de saber mais do que sabem a respeito dela, e por não poder realmente dizer a vocês onde poderiam obter o tipo de informação que eu gostaria que obtivessem. Naturalmente, poderia pedir-lhes que lessem o original, mas não estou certo de que gostariam de fazê-lo. Por muitos anos, crianças da idade de vocês espantaram-se com os rostos solenes e com a aparência carrancuda daqueles que acreditavam ter o Livro Sagrado sido confiado aos seus cuidados em especial. E, todavia, vocês nunca estarão de todo educados enquanto desconhecerem estas histórias. Além disso, num dia ou noutro de suas vidas, vocês poderão ter grande necessidade da sabedoria escondida nestas antigas crônicas.

Este livro tem sido o mais fiel companheiro do homem por centenas de gerações. Alguns de seus capítulos foram escritos há uns 2.800 anos. Outros capítulos são de data muito mais recente. Por muitos séculos, foi praticamente o único livro que nossos antepassados possuíam ou se se sentiam inclinados a ler. Eles o sabiam de cor. Fizeram da Lei Mosaica a lei mais alta da Terra. Então, quando chegou a idade da ciência moderna, surgiu um conflito responsável pela deflagração de uma disputa feroz entre os que sustentavam ter o livro origem divina e os que o viam apenas como um relato de certos episódios históricos. E por algum tempo, a Bíblia foi tão sinceramente detestada por muitos homens e mulheres do mesmo modo que,

noutros tempos, fora adorada e venerada por seus pais e avós.

Mas nada lhes direi de tudo isso.

Não estou fazendo pregação a vocês. Não estou defendendo nem atacando uma causa. Irei apenas contar-lhes o que deveriam saber (isso na minha opinião — e os Céus me livrem de pedir a outrem que concorde comigo!), para que a vida de vocês possa ficar mais cheia de compreensão, de tolerância e de amor àquilo que é bom e belo e, por conseguinte, sagrado.

Será relativamente fácil escrever sobre o Velho Testamento. É a história de certa tribo de um povo do deserto que, após muitos anos de peregrinação, finalmente conquistou um pequeno rincão da Ásia ocidental, onde se estabeleceu e fundou sua própria nação. Então chegamos ao Novo Testamento. E aqui a coisa vai ser bastante difícil. O Novo Testamento está centrado numa só figura. Ele conta a história de um humilde carpinteiro de Nazaré que nada pedia da vida e dava tudo. Talvez haja histórias mais interessantes que a de Jesus, mas eu nunca li nenhuma. E assim farei a vocês um relato muito simples da vida de Jesus tal como o vejo, sem uma só palavra a mais ou a menos. Pois esse é, estou certo, o modo como Ele gostaria que eu a contasse.

Hendrik Willen van Loon.

Capítulo I

Uma herança literaria

Como o Velho e o Novo Testamento vieram a ser escritos, e o que com eles aconteceu no decurso de muitos séculos.

As plrâmides já eram velhas de milhares de anos. Babilônia e Nínive haviam-se tornado centros de vastos impérios. Dois vales, o do Nilo e o dos caudalosos Eufrates e Tigre, fervilhavam de gente operosa. Por esse tempo uma pequena tribo do deserto, movida de razões lá suas, decidiu abandonar a velha querência, nas areias desérticas da Arábia, e rumar a norte, em procura de solo mais fertile. Iriam ser esses homens o que o Futuro chamaria “os judeus”, e dariam à humanidade o mais importante dos livros humanos, a Bíblia. E de uma de suas mulheres viria mais tarde ao mundo o maior e mais bondoso dos mestres.

Não obstante — é curioso! — tudo ignoramos das origens desse grupo humano, que se originou não sabemos onde, que desempenhou o maior papel jamais representado por uma raça, e depois se afez ao exílio entre todas as nações do globo.

O que temos a dizer neste capítulo é de caráter vago e pouco veraz nos detalhes. Os arqueólogos, entretanto, cavam com ânsia o solo da Palestina e cada dia aprendem uma coisa nova. Procurarei dar ao leitor a fiel exposição dos poucos fatos incontestes que a história reuniu.

A leste da Ásia correm dois caudalosos rios, com o nascedouro nas altas montanhas do norte e a foz no Golfo

Pérsico. Ao longo das margens destes rios barrentos a vida era agradável e fácil. Daí o empenho dos habitantes das frias montanhas do norte e dos comburentes desertos do sul, em tomar pé nos vales do Eufrates e do Tigre. Sempre que tinham ensejo, deixavam os pagos tradicionais para tentativas de penetração na planura fértil.

Lutavam entre si e conquistavam-se uns aos outros, e fundavam civilizações novas sobre as ruínas das destruídas. Construíram grandes cidades, como Babilônia e Nínive; e, há mais de quarenta séculos de hoje, tornaram essa região um verdadeiro paraíso, de vida invejada por todos os povos da época.

Mas se olhais para o mapa vereis também milhões de afanosos servos cultivando os campos de outro poderoso país, o Egito. Esses campos separavam-se da Babilônia e da Assíria por uma estreita faixa de terra. Muita coisa de que eles necessitavam só podia vir dos países distantes, situados nas planuras férteis. E muita coisa necessitada pelos babilônios e assírios só podia vir do Egito. Conseqüentemente, os dois povos mantinham intercâmbio comercial, através de estradas abertas na faixa que os separava.

Damos hoje a denominação de Síria a essa parte do mundo. No passado teve muitos nomes. É composta de montanhas baixas e vales amplos. Pouco arvoredo. Chão cozido pelo sol estorricante. Mas um certo número de pequenos lagos e numerosos ribeiros dá um toque de graça à monotonia das montanhas pedreguentas.

Desde os tempos mais remotos tal zona intermédia e de trânsito vinha sendo habitada por diferentes tribos dos desertos da Arábia, todas da raça semita. Falavam a mesma língua e adoravam os mesmos deuses. Freqüentemente lutavam entre si, firmavam tratados de paz e lutavam de novo, com recíprocas conquistas de cidades, rapto de

mulheres, pilhagem de rebanhos — o comportamento usual, em suma, das tribos errantes que seguem os caprichos dos seus impulsos ou de momentânea superioridade de força.

Dum modo vago, reconheciam a autoridade dos reis do Egito, da Assíria e da Babilônia. Quando os coletores de impostos desses reinos apareciam na zona com soldadesca atrás, os brigões mostravam-se muito humildes. Cheios de reverências, reconheciam a soberania do faraó de Mênfis ou do rei de Akkad. Mas quando Sua Excelência, o Governador, mais o séquito de soldados partiam, a velha vida tribal retomava o seu curso, tão livremente como antes.

Não tomemos muito a sério essas lutas de tribos. Não passavam do esporte mais sedutor a que podiam se dedicar, e eram geralmente leves os danos causados. Vantagem: conservar os moços na desejada rjeza.

Os judeus, destinados a desempenhar tão importante papel no mundo, começaram a sua carreira como uma dessas tribos errantes, briguentas, pilharengas, hostis aos grupos menores que tentavam manter-se na zona das Estradas Reais. Infelizmente nada sabemos de positivo dos começos históricos desse povo.

Só dispomos de engenhosas hipóteses — e a hipótese histórica não substitui o fato. Quando lemos que os judeus vieram originalmente da terra do Ur, no Golfo Pérsico, podemos estar diante de uma verdade — ou de uma falsidade. E, portanto, ao invés de pôr neste livro coisas que tanto poderão ter sido como não ter sido, apenas mencionaremos os fatos sobre os quais os historiadores andam acordes.

Os mais remotos ancestrais dos judeus viveram provavelmente nos desertos da Arábia. Não sabemos em que século deixaram os pagos nativos para a penetração

nas planícies férteis. Só sabemos que por muitos séculos erraram em procura duma terra que pudessem ter como sua. Também sabemos que por algumas vezes cruzaram o deserto do Monte Sinai, e que durante vários anos viveram no Egito.

De certo ponto em diante, porêm, os velhos textos egípcios e assírios começam a lançar alguma luz sobre os acontecimentos consignados no Velho Testamento. E o resto da história nos é familiar — como os judeus deixaram o Egito, e como, depois da penosa peregrinação pelo deserto que lhes criou a solidariedade tribal, conquistaram a pequena parte das terras das Estradas Reais chamada Palestina e aí fundaram uma nação; como essa nação lutou pela independência e sobreviveu por vários séculos, até ser absorvida pelo império de Alexandre e mais tarde vir a constituir uma das menores províncias do Império Romano.

Mas, ao mencionar essas ocorrências históricas, cumpre ao leitor ter em mente que não estou a escrever um livro de história. Não pretendo dizer o que realmente aconteceu — apenas direi o que certo povo, de nome “os judeus”, admitia ter acontecido.

Como todos sabemos, há uma grande diferença entre os “fatos” e o que “supomos ter sido fato”. Cada história dum certo país narra a vida do povo dum certo jeito; mas se cruzarmos a fronteira veremos que a propósito desse povo o vizinho já pensa de maneira diversa. Em criança os homens se abeberam nos livros da história pátria e admitem-nos como a verdade até o fim dos seus dias.

Aqui e ali, entretanto, um historiador ou um filósofo, ou uma pessoa dada a ler os livros básicos de todos os países, talvez possa, a respeito dum povo qualquer, ter idéias que realmente se aproximem da verdade. Mas se é homem amigo da paz, conservará consigo, escondida no poço, a verdade que adquiriu.

A que vale para o resto do mundo, vale também para os judeus. Os judeus de trinta séculos atrás, bem como os de hoje, não passavam, e não passam, de criaturas comuns, como eu ou o leitor. Não eram, nem são melhores (como eles se dizem), nem piores que os outros (como dizem seus inimigos). Possuem, é certo, virtudes bem pouco vulgares, e também defeitos bastante comuns. Mas tanto se há escrito sobre os judeus — a favor, contra ou neutralmente — que se torna difícil dar-lhes o lugar certo na história.

A mesma dificuldade experimentamos na tentativa de apreender o valor histórico das crônicas que os judeus fixaram e nas quais nos dizem de suas aventuras entre os egípcios, os povos de Canaã e da Babilônia.

Raramente são bem vistos os ádvenas — e nos países em que os judeus estacionaram durante os longos anos de peregrinação eram eles ádvenas. Os velhos habitantes dos vales do Nilo e dos pedrouços da Palestina, ou das margens do Eufrates, não os acolhiam de braços abertos. Bem ao contrário disso, murmuravam: “nós apenas temos espaço para nossos próprios filhos e filhas; os de fora que se vão para fora”, e eram inevitáveis os choques.

Quando os historiógrafos judeus olham para os velhos dias da raça, procuram colocar os antepassados à melhor luz possível. Nós na América fazemos a mesma coisa. Louvamos as virtudes dos puritanos estabelecidos em Massachusetts e descrevemos os horrores dos tempos em que os brancos viviam expostos ao cruel flechão dos índios. Mas raro nos detém a atenção o fato dos aborígenes, igualmente expostos à crueldade dos tiros dos brancos invasores.

Uma história honesta, escrita do ponto de vista dos índios, constituiria leitura de bastante edificação. Mas os índios já lá se foram; nunca saberemos que impressão os estrangeiros do ano 1620 lhes causaram — e é pena.

Por muito tempo o Velho Testamento foi a única história da Ásia que nossos avós podiam ler e entender. Mas no século passado começamos a decifrar os hieróglifos do Egito, e há cinqüenta anos descobrimos a chave da misteriosa escrita unguilar dos babilônios. Isso nos dá hoje pontos de vista diferentes para a análise da história dos judeus.

Vemos que cometeram os mesmos erros de todos os historiadores patriotas, e verificamos como pervertiam a verdade para bem da glória e do esplendor da raça.

Mas nada disso, repito, tem algo que ver com este livro. Não me proponho a escrever nenhuma história do povo judeu. Não vou defendê-los, nem atacá-los, mas simplesmente repetir o que eles tinham como a verdade sobre si mesmos e os vizinhos. Não compulsarei textos críticos de sábios investigadores. Tomarei uma pequena Bíblia de dez centavos e nela encontrarei todo o material necessário ao meu estudo.

Se falássemos em “Bíblia” para um judeu do século primeiro da nossa era, vê-lo-íamos abrir a boca. Essa palavra é relativamente nova. Foi inventada no século quarto por João Crisóstomo, o patriarca de Constantinopla, quando se referiu à coleção dos livros sagrados dos judeus como a “Bíblia” — ou “Os Livros”.

A coleção foi crescendo durante mil anos. Com poucas exceções, quase todos os capítulos foram traçados em hebreu. Mas o hebreu já não era língua viva quando Cristo veio ao mundo. Por esse tempo a língua aramaica (muito mais simples e mais largamente disseminada entre o povo) já estava dominando, e vários dos livros proféticos do Velho Testamento nela foram escritos. Portanto, nada de perguntarem-me quando a Bíblia foi escrita, porque não poderei responder.

Cada vilarejo de judeus ou cada templo possuía crônicas locais copiadas por homens piedosos em pergaminho ou papiro. Às vezes faziam-se coleções de diferentes leis e profecias para uso fácil dos freqüentadores do templo. Durante o século oitavo, quando os judeus já estavam estabelecidos na Palestina, essas coleções foram aumentando. E, a intervalos, entre o século terceiro e o primeiro da nossa era, foram traduzidas em grego e levadas à Europa. Por fim passaram para todas as línguas do mundo.

No relativo ao Novo Testamento a sua história é muito simples. Durante os primeiros dois ou três séculos após a morte de Cristo, os seguidores do carpinteiro de Nazaré andaram sempre mal vistos das autoridades romanas. As teorias do amor e da caridade eram tidas como perigosas para a segurança dum estado cuja base era a força das armas. Os primitivos cristãos, portanto, não podiam chegar a um vendedor de livros e dizer: “Quero uma ‘Vida de Cristo’ e uma narrativa dos atos dos Apóstolos”. Obtinham essas informações secretamente, por meio de pequeninos panfletos que circulavam de mão em mão. Milhares desses panfletos eram copiados e recopiados, até que o povo perdeu qualquer traço da verdade que podiam conter.

Entrementes, a igreja cristã triunfara. Os perseguidos cristãos tornaram-se os dirigentes do Império Romano, e antes de mais nada trataram de dar alguma ordem ao caos literário conseqüente a três séculos de perseguições. Decidiram conservar uma parte dos evangelhos e uma parte das cartas escritas pelos Apóstolos aos membros das congregações remotas. Tudo mais foi rejeitado.

Seguiram-se, depois disso, vários séculos de discussões. Muitos sínodos se realizaram em Roma e Cartago (a nova cidade construída sobre as ruínas da antiga) e em Trulo; e, setecentos anos depois da morte de Cristo, o Novo

Testamento (como o conhecemos) foi definitivamente adotado pelas igrejas do Ocidente e do Oriente. Desde então têm aparecido incontáveis traduções feitas do grego, sem que nenhuma alteração importante haja ocorrido no texto.

Capítulo II

Criação

Idéia dos judeus sobre a criação do mundo.

A mais velha de todas as questões é o “Donde viemos?”.

Muita gente leva a propô-la até o fim de seus dias. Não esperam obter resposta, mas, como os soldados valentes diante das empresas irrealizáveis, recusam-se a render-se e entram na eternidade com a orgulhosa pergunta nos lábios: “De onde? Para onde?”.

O mundo, porém, está cheio de toda sorte de criaturas. A maioria insiste em explicações engenhosas das coisas que não compreendem. Quando nenhuma explicação aceitável aparece, inventam-nas.

Há cinco mil anos passados a história da criação do mundo em sete dias generalizara-se entre os povos da Ásia ocidental — e assim também pensavam os judeus. Vagamente esses povos atribuíam a criação da terra, do mar, das árvores, das flores, dos pássaros, do homem e da mulher aos seus diferentes deuses.

Aconteceu, porém, que os judeus foram os primeiros a conceber a existência dum deus único. Quando adiante falarmos de Moisés mostraremos a razão disso.

Nos começos a tribo semita inicial, cepa de que saiu o povo judeu, adorava diversas divindades, exatamente como em torno dela, e através das idades, faziam e sempre fizeram os seus vizinhos.

As histórias da criação que vemos no Velho Testamento, entretanto, foram escritas mais de dez séculos antes da

morte de Moisés, tempo em que a idéia dum deus único já estava aceita pelos judeus como fato absolutamente verdadeiro — com pena de morte ou exílio para quem o pusesse em dúvida.

Vamos ver agora de que modo o poeta que deu aos hebreus a versão do começo das coisas concebeu o gigantesco trabalho da criação como súbita expressão duma vontade única e todo-poderosa — a vontade do próprio deus tribal, que eles denominavam Jeová, o Governador dos Céus.

Eis como a história era contada aos fiéis no templo.

No começo, a terra boiava no espaço, silenciosa e escura. Não havia solo, só as águas sem fim do oceano a recobrirem tudo. O espírito de Jeová aparece sobre as águas, em contemplação. E Jeová diz: “Faça-se a luz”, e os primeiros raios da aurora rompem as trevas. “A isto chamarei o Dia”, declara Jeová.

Mas logo se foi a luz apagando e se apagou de todo, e Jeová diz: “A isto chamarei a Noite”. E ele então descansa daquele trabalho do Primeiro Dia do mundo.

Depois Jeová diz: “Que surja um Céu, desdobrado como dossel amplo sobre as águas, com espaço para as nuvens e os ventos que sopram sobre o mar”. E aparece o Céu. E vem a Manhã e vem a Noite, e assim termina o Segundo Dia.

Então Jeová diz: “Que apareçam terras no meio das águas” e imediatamente emergem do mar montanhas gotejantes, que se levantam para os céus, com planuras e vales aos pés. Então Jeová diz: “Que a terra se encha de plantas que dêem sementes, e de árvores que dêem flores e frutas”. E a terra se recobre de verdura — macios tapetes de relva, árvores e arbustos a gozarem as carícias da luz. E uma vez mais a Noite chegou depois do Dia e o trabalho divino do Terceiro Dia foi findo.

Então Jeová diz: “Que os Céus se encham de estrelas, que surjam as estações e os dias e os anos. E que o dia seja regulado pelo sol e a noite seja o tempo do repouso, e só a silenciosa lua mostre ao caminhante do deserto a estrada que leva ao abrigo”. E assim foi feito e assim termina o Quarto Dia.

E então Jeová diz: “Não basta. Que o mundo também se encha de criaturas que andem de rojo ou marchem com pernas”. E aparecem as vacas e os tigres, e todos os animais que conhecemos e muitos outros já desaparecidos. E realizado que foi este feito, Jeová toma do chão o barro e molda-o à sua imagem, e dá-lhe vida, e chama a essa imagem Homem, e põe-no à testa de toda a criação. Assim termina o trabalho do Sexto Dia, e Jeová, contente com o que havia feito, descansa no Sétimo.

E então chega o oitavo dia, e o Homem se vê em seu novo reino. Adão, chamava-se ele, e vivia num jardim todo de lindas flores, com mansíssimos animais que vinham com os filhotes distraí-lo da solidão. Mas o Homem não se sente feliz. Todas as outras criaturas andavam aos pares, menos ele. Jeová, então, toma do primeiro homem uma costela e forma Eva. E o primeiro casal põe-se a explorar o seu reino, ao qual chama o Paraíso.

Diante duma grande árvore Jeová fala-lhes assim: “Ouvi, que é importante. De todas as frutas destas árvores podeis comer a contento, exceto desta aqui, a geradora do conhecimento do Bem e do Mal. Se o Homem comer desta fruta começará a compreender o direito ou o errado dos seus próprios feitos. E não terá paz de espírito. Portanto, ou deixareis intactas as frutas desta árvore ou suportareis as conseqüências do Conhecimento, as quais são terríveis”.

Adão e Eva prometem obediência. Logo depois, entretanto, Adão adormece, e Eva se põe a errar por ali,

até que ouve rumor na relva. Olha. Uma velha e astuta serpente.

Naqueles tempos os animais falavam língua inteligível ao novo casal, de modo que a serpente não teve dificuldade em contar a Eva que ouvira as palavras de Jeová, mas que seria tolice tomá-las a sério. Eva concorda, e quando a serpente lhe dá uma das frutas da árvore proibida, come-a, e quando Adão despertou, fá-lo comer também.

E então Jeová enfurece-se. Imediatamente expulsa a ambos do Paraíso, condenando-os a viverem no mundo com o esforço próprio.

Em tempo vêm-lhes dois filhos, ambos machos. O mais velho, Caim; o mais novo, Abel. Tornam-se úteis à casa. Caim moureja nos campos, Abel guarda ovelhas. E, como irmãos que eram, brigavam.

Num dia de oferendas a Jeová, Abel sacrificou um cordeiro, e Caim depositou um punhado de grãos sobre a rude pedra do altar construído para os atos de adoração.

As crianças são suscetíveis ao ciúme, e gostam de basofiar sobre os méritos próprios. O fogo acendido por Abel brilhava sadio, mas o de Caim se atrasava. Caim imaginou que Abel se ria dele. Abel defende-se, dizendo que não, que estava apenas olhando o serviço. Caim manda que se afaste dali. Abel recusa-se. "Por quê?" Caim, então, dá-lhe um golpe. Golpe forte. Abel cai morto. Terrivelmente apavorado, Caim foge, esconde-se.

Mas Jeová, que tudo via, encontra-o oculto nas sarças. Pergunta-lhe do irmão. Caim não se recusa a responder. "Não sabia. Não era ama-seca do irmão".

De nada lhe aproveitou a mentira, e do mesmo modo como por ato de desobediência Jeová lançou o primeiro casal fora do Paraíso, assim, também forçou Caim a abandonar a casa paterna — e embora vivesse vida longa nunca mais seus pais souberam dele.

Adão e Eva não levaram vida feliz. O filho mais novo morrera no acidente e o mais velho desaparecera. Tiveram, porém, mais prole, e acabaram em extrema velhice, dobrados pela trabalheira sem fim e pelos infortúnios.

Gradualmente, os filhos e netos de Adão e Eva começaram a povoar a terra. Foram para o oriente e para o ocidente, e para as montanhas do norte, e também se espalharam pelos desertos do sul. Mas o crime de Caim havia marcado a raça. Dali por diante a mão do homem se ergueria sempre contra o seu vizinho. Entrematavam-se e enterroubavam as ovelhas. Não havia segurança para uma menina que saísse de casa; podia ser raptada pelos rapazes das vizinhanças.

O mundo se tornou uma coisa triste. Viera errado, do começo. Tinha de ser recomposto. Talvez uma nova geração se mostrasse mais obediente à vontade de Jeová.

Vivia naqueles tempos um homem de nome Noé, neto de Metuselah (o qual vivera novecentos e sessenta e nove anos) e descendente de Seth, um dos irmãos de Caim e Abel, nascido depois da tragédia.

Era Noé um bom homem, dos que procuram viver em paz com a própria consciência e o próximo. Se a raça humana tinha de começar de novo, Noé daria um bom recomeço.

E Jeová decidiu matar todos os homens, menos Noé e os seus. Chamou-o e mandou que construísse um navio, ou arca. Devia ter 450 pés de comprimento por 75 de largura e 43 de altura. Tamanho dum transtlântico moderno — e é difícil imaginar como Noé deu conta da incumbência.

Noé e os filhos puseram-se ao trabalho, sob a chacota dos vizinhos. Que estranha idéia construir um navio num lugar onde não havia água — rio nenhum, e o mar a mil milhas distante!

Mas Noé e seus fiéis auxiliares não abandonaram o serviço. Cortaram grandes ciprestes, travaram a quilha, ergueram os costados e calafetaram-nos com betume. Quando o terceiro convés ficou pronto, construíram um teto de madeira pesada, próprio para resistir à violência das chuvas que iam desabar sobre a terra maldita.

Por fim Noé e sua gente, três filhos, a esposa e a esposa dos filhos, acharam-se prontos para o embarque. Foram então para os campos e montanhas a recolher quantos animais pudessem, de modo a ter carne para a boca, e para os sacrifícios, quando de novo pisassem terra firme.

Uma semana levaram caçando. A arca se encheu do rumor de inúmeros animais desafeitos a gaiolas, que raivosamente mordiam as barras aprisionadoras. Só não recolheram peixes. Os peixes cuidariam de si mesmos.

Na noite do Sétimo Dia Noé embarcou com sua gente. Recolheram-se as escadas e fechou-se o navio.

Tarde da noite rompeu a chuva. E choveu por quarenta dias e quarenta noites. A terra inteira ficou recoberta pelas águas, com perecimento de todos os seres, salvo os recolhidos na arca de Noé. Foi o Dilúvio Universal.

Por fim Jeová se compadeceu e com uma rajada de vento limpou de nuvens o céu. De novo os raios do sol brilharam sobre as ondas agitadas, como o tinham feito no primeiro dia da criação.

Cuidadosamente Noé abriu uma janela e espiou. A arca boiava calmamente no oceano sem fim. Nenhuma terra à vista. Noé soltou um corvo, e nunca mais o viu. Soltou depois um pombo. Os pombos podem voar por mais tempo que qualquer outra ave, mas por muito que aquele voasse não encontrou pouso e regressou. Noé tornou a colocá-lo na gaiola.

Transcorrida mais uma semana, Noé de novo soltou o pombo. Por fora ficou a ave o dia inteiro, revoando, mas à noitinha reapareceu com um ramo de oliveira no bico. Era sinal de que as águas iam descendo.

Outra semana se passou e Noé pela terceira vez soltou o pombo. Não voltou mais o alado mensageiro. Bom sinal. E sinal confirmado, pois que não tardou muito e um choque advertiu que a arca tocara com o fundo em qualquer obstáculo. A embarcação havia batido em terra firme. Repousava sobre o monte Ararat, na terra que hoje chamamos Armênia.

No dia seguinte Noé desembarcou. Imediatamente reuniu pedras, para um altar e matou certo número de animais e aves para o primeiro sacrifício. E olhou, e viu no céu o brilho das cores do arco-íris. Era um sinal de Jeová para o seu fiel servidor. Uma promessa de felicidade.

Noé então e os filhos, Sem, Cam e Jafé, com as respectivas esposas, espalharam-se pelo mundo e fizeram-se cultivadores da terra ou pastores e, felizes, viveram em paz em meio da prole e dos rebanhos.

Mas é duvidoso que o perigo por que passaram esses homens lhes ensinasse a boa lição. Porque Noé, dono de um vinhedo, fabricava um agradável vinho e bebia-o de embebedar-se, e por embebedar-se comportava-se mal, como se comportam bêbados.

Dois de seus filhos entristeceram-se de fato, mas o de nome Cam foi além — riu-se do pai. Quando Noé o soube, encheu-se de terrível cólera e expulsou-o de casa. Os judeus supõem que Cam foi para a África, onde se tornou a fonte da raça negra, pela qual os outros sentiam o mais injusto desprezo.

Deste ponto em diante pouco mais sabemos de Noé. Um dos seus descendentes, de nome Nemrod, ganhou fama de

caçador, mas a Bíblia nada diz do fim de Sem e Jafé. Seus filhos, entretanto, algo fizeram que muito desagradou a Jeová. Parece que por algum tempo viveram no vale do Eufrates, no ponto onde mais tarde se ergueu a cidade da Babilônia. Gostaram daquelas terras, e resolveram construir uma torre muito alta, que servisse de marco para todas as tribos do mesmo sangue. Cozeram a argila e lançaram as bases da grande construção.

Mas Jeová não queria que ficassem aglomerados para sempre ali. O mundo inteiro tinha de ser povoado e não só aquele vale. E quando os obreiros mais se afanavam, como abelhas, na ereção da torre babilônica, fez que de súbito se pusessem a falar dialetos diferentes, esquecidos da língua comum — e a desordem começou.

Impossível construir uma casa quando os operários e mestres só falam, uns chinês, outros o polinésio, outros o russo. Assim também aquele povo, animado da idéia de formar uma nação única em torno da alta torre, não pôde continuar a obra — e breve se espalhou por todos os recantos da terra.

Eis em curto resumo a história do começo do mundo, como concebiam os judeus.

Capítulo III

Os pioneiros

As pirâmides egípcias já eram velhas quando os judeus, chefiados por Abraão, saíram dos desertos da Arábia em procura de pastagens para os rebanhos.

Abraão foi um pioneiro.

Apesar de figura de milhares de anos passados, a história de sua vida traz-nos à mente a lembrança dos homens e mulheres que conquistaram as planuras e montanhas do oeste americano, na primeira metade do século XIX.

A família de Abraão procedia da cidade de Ur, situada à margem ocidental do Eufrates. Sempre foram pastores, desde que Sem, o fundador do clã, deixou a arca. Souberam prosperar. Abraão fez-se rico, dono de milhares de ovelhas. Para pastoreá-las empregava mais de trezentos homens e rapazes.

Esses auxiliares guardavam a maior lealdade para com o amo, e por ele dariam a vida, se fosse mister. Formavam um pequenino exército privado, que se revelou muito útil quando Abraão teve de lutar por pastaria nova nas terras hostis da costa mediterrânea.

Chegado aos setenta e cinco anos ouviu ele a voz de Jeová, ordenando-lhe que se mudasse dali para a terra de Canaã — primitivo nome da Palestina.

Abraão recebeu com muito agrado a intimação. Os caldeus, entre os quais ele vivia, andavam em guerra

perpétua com os vizinhos, e Abraão, homem de paz, não se agradava daquelas brigas. E mandou levantar acampamento. Seus homens reuniram o rebanho. As mulheres cuidaram da bagagem e do alimento que os sustentaria durante a jornada pelo deserto. Começou assim a primeira migração do povo judeu.

Abraão era casado. Tinha o nome de Sara sua mulher. Infelizmente não havia filhos, o que fez Abraão tomar a Lot, seu sobrinho, como o imediato da expedição. Deu afinal a ordem de partida, e seguiu no rumo do poente.

A caravana não penetrou no grande vale da Babilônia; foi costeando o deserto da Arábia, de modo que os ferozes, soldados assírios os não vissem, nem viessem tomar-lhes os rebanhos, e talvez também as mulheres. E sem incidentes a expedição alcançou as pastagens da Ásia ocidental.

Fez-se pouso ao pé da cidade de Shechem, lugar onde Abraão ergueu um altar a Jeová junto a um carvalho de nome Moreh. Logo depois moveu-se para Bethel, onde parou algum tempo a ruminar os futuros planos. Isso porque, ai!, a terra de Canaã não era tão rica como ele esperara.

Rapidamente os seus rebanhos comeram todo o pasto da zona. Houve então disputas entre Lot e os pastores sobre o rumo a tomar em busca de novas pastagens, e por pouco a expedição não terminou em desastre. Mas como a discórdia fosse coisa contrária à natureza de Abraão, chamou ele à sua tenda o sobrinho e propôs-lhe a divisão da terra, de modo que vivessem independentes, mas amigos, como parentes que eram. Lot, jovem sensato, não opôs dificuldades.

Na divisão das terras Lot preferiu o vale do Jordão; ao tio coube o resto, ou o que hoje chamamos Palestina. Havia Abraão passado a maior parte de sua vida sob o escorchante sol do deserto. Não admira que preferisse um

lugar dotado do frescor sombrio das grandes árvores. E armou tenda entre as carvalheiras do Mamre, próximo da velha cidade de Hebron, construindo ali um novo altar em honra a Jeová e como testemunho de gratidão por tê-lo conduzido àquelas doces paragens.

Mas a sonhada paz não durou muito tempo. Breve entrou Lot em desavença com os vizinhos, sendo Abraão forçado à guerra para proteção da família.

O perigo maior vinha do rei de Elam, poderoso chefe dos nativos. Poderoso realmente, a ponto de arrostar até os soberanos da Assíria. O rei havia imposto tributos às cidades de Sodoma e Gomorra, e como encontrasse resistência lançou contra elas as suas forças.

Infelizmente o choque se deu no vale que Lot ocupava. Na excitação da guerra os soldados não atendem a coisa nenhuma. Na captura que fizeram da gente das duas cidades levaram também, como prisioneiros, a Lot e sua família.

Abraão veio a saber da tragédia por boca dum fugitivo. Reuniu imediatamente todos os seus pastores e tomou-lhes a chefia. Marchou. Lá pelo meio da noite alcançou o acampamento do rei de Elam e atacou-o. E antes que os estremunhados elamitas percebessem do que se tratava, já Lot estava livre e a caminho de suas terras.

A façanha fez de Abraão um grande herói aos olhos das tribos vizinhas.

O rei de Sodoma que havia escapado à matança, veio ter com ele, acompanhado de Melquisedec, rei de Salem, ou Jerusalém, velhíssima cidade da terra de Canaã.

Melquisedec e Abraão tornaram-se logo grandes amigos, porque ambos reconheciam Jeová como o chefe supremo, mas o mesmo não se deu com o rei de Sodoma, que adorava outras divindades. E quando este rei mandou a Abraão a maior parte dos despojos que ele havia tomado

aos elamitas, Abraão recusou. Seus auxiliares famintos comeram alguns carneiros desse saque, mas o resto foi devolvido aos verdadeiros donos, na cidade de Sodoma. Não foi bom, entretanto, o uso que esses donos fizeram da propriedade restituída.

Tanto o povo de Sodoma como o de Gomorra tinham péssima reputação entre os vizinhos. Preguiçosos e amigos de cometer toda sorte de crimes, sem que nunca nenhum criminoso recebesse punição. Frequentemente foram notificados de que não poderiam proceder assim toda a vida — mas riam-se, e continuavam na má vida, desagradável à vizinhança.

Ora, aconteceu que certa noite, logo depois do sol ocultar-se atrás das montanhas azuis, estava Abraão sentado à frente de sua tenda, muito satisfeito da vida, porque a velha promessa de Jeová, feita nos dias de Ur, estava-se tornando realidade. Abraão, que nunca tivera prole, entrou a sonhar com um filho.

Estava a pensar nisso, e em outras coisas, quando viu três viandantes na estrada, que se aproximavam. Cansados e cobertos de pó, pararam e pediram pouso. Sara apareceu para atendê-los; deu-lhes comida; e depois sentaram-se todos sob um carvalho para troca de impressões.

Quando os estrangeiros se levantaram a fim de prosseguir na jornada, Abraão ofereceu-se para mostrar-lhes o caminho, e só então soube que iam para Sodoma e Gomorra. Uma intuição lhe veio: ele havia hospedado ao próprio Jeová e a dois dos seus anjos!

Abraão adivinhou imediatamente a missão que traziam e, sempre leal para com sua gente, implorou misericórdia para Lot e a família. Jeová seguiu caminho, depois de prometer perdoar às duas cidades se em cada uma descobrisse cinqüenta, trinta, ou mesmo dez pessoas que fossem criaturas decentes.

Parece que não encontrou nenhuma, pois tarde naquela noite Lot recebeu aviso para afastar-se com os seus, visto como Sodoma e Gomorra estariam reduzidas a cinzas antes que amanhecesse. Foi-lhe também dito que se apressasse, e na fuga não olhasse para trás, a ver o que estava acontecendo.

Lot obedeceu. Despertou a mulher e os filhos e pôs-se a caminho, marchando a noite inteira a fim de chegar à cidade de Zoar antes do amanhecer.

Mas depois de alcançar zona de segurança, Lot perdeu a mulher. Era curiosa em excesso. O céu avermelhado indicava o incêndio das cidades. Ela não resistiu. Voltou o rosto e olhou.

Vendo o seu gesto, Jeová imediatamente a transformou numa estátua de sal. Lot ficou assim viúvo, com duas filhinhas pequenas. Uma delas veio a ser a mãe de Moab, o fundador da tribo dos moabitas, e a outra teve um filho de nome Ben-Ami, o fundador da tribo dos amonitas.

A triste tragédia de Lot magoou profundamente a Abraão e induziu-o a mudar-se para longe das ruínas das duas cidades de má fama. E deixando mais uma vez as florestas e planuras de Mamre, emigrou rumo oeste, jornadeando até quase alcançar as praias do Mediterrâneo.

A região ao longo da costa era habitada por uma raça de homens vindos da distante ilha de Creta. A capital de Creta, de nome Cnosso, fora destruída por um inimigo qualquer mil anos antes dos dias de Abraão. Os que escaparam à chacina procuraram tomar pé no Egito, mas foram impedidos pelos soldados do faraó.

Navegaram então para leste e, como estavam mais bem armados que os canaanitas, conseguiram conquistar-lhes uma estreita faixa de terra ao longo da praia.

Os egípcios haviam denominado a essa gente “filisteus”; os filisteus, a seu turno, chamaram às suas terras Filistia —

primeira forma do nome “Palestina”.

Os filisteus iriam manter-se em guerra constante com todos os vizinhos, e só interromperiam a sua luta com os judeus depois da conquista romana. Os seus ancestrais haviam sido o povo mais civilizado do Ocidente, isso numa era em que os judeus ainda não passavam de rudes pastores. Já sabiam fabricar espadas de ferro quando os homens da Mesopotâmia ainda se matavam com machados de pedra ou maças. Isto explica a razão de tão poucos filisteus conseguirem por tantos séculos resistir a milhares e milhares de canaanitas e judeus.

Apesar de tudo, bravamente penetrou Abraão com o seu exército na Filistia, e estabeleceu-se perto de Beer-Sheba, onde ergueu novo altar a Jeová. Também abriu um profundo poço que lhe desse água fresca a todas as horas, e plantou um bosque para futura sombra aos seus filhos.

Na agradável estância ali criada nasceu afinal o filho de Abraão e Sara. Isaac, chamou-se o menino, ou “sorriso”, porque de fato lhes foi uma felicidade vir aquele rebento quando todas as esperanças já estavam perdidas.

Durante os anos de espera, desesperançado de prole com a primeira, havia Abraão tomado segunda mulher. Isso estava de acordo com os costumes do tempo. Ainda nos dias de hoje muitos homens da Ásia e da África, da religião maometana, possuem duas e três esposas.

A segunda mulher de Abraão não era da sua raça, mas sim uma escrava egípcia de nome Agar. Muito naturalmente Sara não se agradou da divisão, e quando veio a Agar um filho homem, que recebeu o nome de Ismael, passou a odiá-la e a pensar na sua eliminação.

Era natural que Ismael e Isaac brincassem juntos em redor da casa. Natural também que disputassem e muitas vezes se atracassem. Mas Sara via isso com rancor. Sentia-se muito mais velha e nem metade bonita como Agar.

Considerando-a uma rival perigosa, dispôs-se a liquidar o caso.

Foi ter com Abraão e exigiu que a mandasse, e ao menino, embora. Abraão recusou. Ismael, afinal de contas, era seu filho e muito amado. Além disso, não seria leal.

Mas Sara não transigiu, e por fim o próprio Jeová aconselhou Abraão a ceder. Falava Jeová, e pois nada mais lhe restava a fazer.

Por uma triste manhã o paciente Abraão, sempre em busca da paz, disse adeus à bela e fiel escrava e ao filhinho. Mandou que Agar regressasse para o seu povo. Mas muito longa e perigosa era a viagem de Filistia ao Egito. Na primeira semana os dois repudiados quase pereceram de sede no caminho. Largados no deserto de Beer-Sheba, não escapariam à morte se o próprio Jeová os não acudisse no último momento, mostrando-lhes onde encontrariam água.

Agar, finalmente, alcançou as margens do Nilo, e foi bem recebida pela família. Lá cresceu Ismael, e em moço se fez soldado. Nunca mais reviu Abraão esse filho — e logo depois quase perdeu o que tivera de Sara — mas dum modo muito diferente.

Acima de todas as coisas Abraão obedecia a Jeová, e orgulhava-se da sua piedade. Não obstante, Jeová resolveu pô-lo novamente em prova, e disso quase resultou desgraça.

Jeová aparece de súbito a Abraão e ordena-lhe que leve Isaac ao monte Moriah, que o mate e lhe queime o corpo no altar dos sacrifícios.

O velho pioneiro não vacilou. Seria fiel até o fim. Simulando viagem curta, partiu com dois homens e um jumento carregado de lenha, água e provisões. Não contou à esposa o que la fazer. Jeová havia ordenado. Era o bastante. Só lhe cumpria obedecer.